

GREVE, TORTURA PSICOLÓGICA E SAÚDE MENTAL¹

Me. Edgar Barrero Cuellar

Diretor: www.catedralibremartinbaro.org

Conselheiro por Colômbia na União Latino-americana de Entidades da Psicologia – ULAPSI.

O sentimento de impotência e fatalismo está instalado na mente e nos corações dos colombianos. A guerra psicológica implementada há décadas está dando resultado. A impunidade prevalece vitoriosa e sorri cinicamente sobre os corpos torturados das vítimas diretas e dos sobreviventes. Os meios de comunicação ocultam a realidade e manipulam os sentimentos cidadãos até levá-los a estados de encantamento ideológico antes nunca vistos. A repressão estatal contra protestos sociais chegou a limites similares ao fascismo, no qual as massas se identificam afetivamente com os perpetradores de crimes de lesa humanidade.

Este é o caso de um esquadrão da polícia nacional da Colômbia, que poderia ser bem comparado com aquele fenômeno atroz da conquista espanhola dos nossos povos, quando se treinava cachorros mansos e tranquilos para convertê-los em devoradores de humanos vivos. A diferença aqui é que se trata de seres humanos os quais se adestram de tal forma que se tornam insensíveis frente à dor que estão causando aos seus próprios irmãos. Pouco importa que se trate de idosos, crianças ou mulheres grávidas, como temos visto nesses dias de greve nacional dos trabalhadores rurais (<http://www.semana.com/nacion/articulo/la-golpiza-del-esmad-campesino-video/355013-3>).

Estas máquinas de infringir terror – uma vez soltas no cenário escolhido – atuam em meio a uma impunidade aterradora, tal como acontece nos filmes estrangeiros com os quais se tem preparado previamente a população. São máquinas desumanizadas, sedentas de tudo que cheira a protesto social. Não cabem dúvidas sobre a preparação psicológica à qual têm sido submetidos estes homens e mulheres. Uma vez no campo de batalha são capazes de esquecer os limites entre o humano e o desumano. Por exemplo, golpear sem misericórdia as pessoas indefesas capturadas. Ou, como acaba de ser denunciado em Boyacá, utilizando gases lacrimogêneos (uma modalidade de arma química) em escolas e lugares com presença de crianças entre três e seis anos de idade. Ver informe de direitos humanos: http://www.twitlonger.com/show/n_1rm39di

Os efeitos sobre a saúde psicológica da sociedade são devastadores. Observar ao vivo e de forma direta a maneira como atua essa máquina de terror estatal gera múltiplos sentimentos. Impotência, fatalismo, perda de referências de legalidade, desamparo absoluto, desconfiança e polarização, descrença em qualquer forma de institucionalidade, etc. Este é o efeito esperado por quem dirige por controle remoto esses monstros aterradores. De outro lado, também se produzem sentimentos em meio ao pânico e à dor: raiva, solidariedade, união, fortaleza e desejos de justiça, verdade e reparação. Em meio ao horror se situa uma franja gigante de seres humanos que foram possuídos pelo deus da indiferença social. Eles e elas também foram desumanizados para não sentir nada com essa crise humanitária. São capazes de trocar de canal como se não acontecesse nada.

Enquanto isso ocorre na Colômbia, recebo uma mensagem eletrônica oferecendo serviços terapêuticos amparados na nova lei de saúde mental. Que paradoxo. Falar de saúde mental em um Estado acostumado à violação sistemática desse direito, e precisamente onde se tem institucionalizado a tortura psicológica como forma privilegiada de solução dos conflitos. A

¹ Traduzido do original em espanhol por Lumena Celi Teixeira, psicóloga brasileira, mestre em Psicologia Social.

impressionante ruptura do tecido social obedece à submissão sistemática da nossa população à dita tortura psicológica.

A tortura psicológica é aquela que vulnerabiliza completamente a dignidade humana. Se quiséssemos elaborar uma lista das formas de manifestação da dita tortura não acabaríamos nunca. Mas podemos mencionar alguns exemplos à luz da conjuntura política colombiana: a greve nacional dos trabalhadores rurais.

1. Gerar um sentimento de medo e paralisia psicológica através da repressão direta por meio de agentes estatais.
2. Desorientar intelectual e afetivamente por meio do ocultamento sistemático da verdade. Este papel é cumprido fundamentalmente pelos meios de “informação” de massa.
3. Firmar acordos transnacionais como os TLC², através dos quais se expropria o trabalhador rural de direitos sagrados como os de ter e cultivar a terra com suas próprias sementes, intercambiar seus produtos em condições de igualdade e defender a soberania alimentar.
4. Ameaçar, intimidar e estigmatizar os protestos sociais.

Vejam agora alguns dos serviços terapêuticos oferecidos via internet, amparados na Lei 1616 de Saúde Mental. Advirto que não se trata de desvalorizar esses serviços, mas sim estabelecer um marco comparativo acerca do distanciamento em que se encontra a psicologia colombiana em relação à nossa própria realidade psico-sócio-antropológica.

O anúncio oferece “Tratamentos Intensivos e Breves” para:

1. “Crises de angústia em momentos de pânico, situações traumáticas, depressões, estresse, anorexia, bulimia e vícios”.

O que tem levado camponeses colombianos à greve nacional é, justamente, uma crise de angústia na qual não se consegue ver como é possível sobreviver materialmente nas atuais condições de desigualdade e injustiça social. Onde está a psicologia aí?

Momentos de pânico são os que vivem esses trabalhadores quando são atacados, feridos, torturados de diversas formas. Onde está a psicologia aí?

Situações traumáticas são aquelas geradas quando uma pessoa se sente humilhada, depreciada, invisibilizada e ridicularizada, como tem sido feito com os trabalhadores rurais na Colômbia. Onde está a psicologia aí?

Depressões em massa são vividas cotidianamente pela nossa população, que não sabe como sobreviver em meio ao conflito armado, à desproteção estatal e estigmatização dirigidas desde a presidência da República: <http://www.elespectador.com/noticias/politica/presidente-santo-resta-importancia-huelga-agraria-articulo-442317> . Onde está a psicologia aí?

Como não estressar-se em meio ao conflito armado, à perseguição histórica, à expropriação de territórios e à negação sistemática de seus próprios direitos?

² Nota da tradutora: refere-se aqui ao Tratado de Livre Comércio entre Colômbia e Estados Unidos, estabelecido em 15 de maio de 2012. Desde então uma onda de inconformismo vem crescendo no país, culminando na greve nacional camponesa iniciada em 19 de agosto de 2013, referida neste texto pelo autor.

2. “Crises e rupturas familiares e de casais”. “Crises em crianças e adolescentes”.

São milhares de famílias que se rompem como consequência da crise econômica. São milhões de pessoas que não têm como pagar materialmente uma consulta psicológica, muito menos um tratamento terapêutico. Desde a constatação dessa realidade, a saúde mental é um privilégio para poucos e uma exclusão para a grande maioria. O saber psicológico se privatiza. Não se torna uma contradição falar de saúde mental enquanto milhões de seres humanos são arrastados pelo sistema ao desespero ou à paralisia psicossocial? Qual seria a percepção social de uma criança que acompanha seus pais a uma manifestação social de protesto e recebe gases lacrimogêneos como resposta? Por acaso as crianças e jovens do país não vivem uma crise cotidiana ao experimentar que não têm acesso aos serviços mínimos de saúde, educação, moradia e lazer?

3. “Ruptura de vínculos sociais”.

A ruptura de vínculos sociais é propiciada pelas próprias instituições do Estado, como forma de promover submissão e controle. Não é algo espontâneo. Obedece a uma política cuidadosamente desenhada graças à qual se fragmentam os processos sociais e comunitários, de tal forma que a sociedade não se mobilize conjuntamente à procura de mudanças e transformações sociais. Parafraseando Martin-Baró: Como não falar de ruptura dos vínculos sociais, enquanto o bem estar de poucos se constrói sobre o mal estar e a miséria da maioria? Realmente se acredita que mediante um processo terapêutico se pode reconstruir um vínculo social fraturado pelas elites políticas, econômicas e militares?

Encontramo-nos diante de uma situação histórica bastante complexa, a qual precisa nos levar a reconfigurar nossos papéis como psicólogos e psicólogas. Apesar do esforço terapêutico individual ou familiar ser importante, este mantém as dificuldades e falhas estruturais próprias da psicologia: seu caráter marcadamente individualista e mercantilista, que faz da psicologia uma disciplina das minorias e não uma opção ética pelas majorias que sobrevivem em cruéis condições de existência material, psicológica e espiritual.

É urgente descolonizar nossa psicologia para des-psicologizar a saúde mental. É urgente desburocratizar o trabalho da psicologia para sair à rua e dar-se conta de realidades como a crise humanitária e institucional que hoje se vive na Colômbia.

É necessário abrir os *bunkers* da psicologia e levá-la aos bairros e calçadas deste país. Esses *bunkers* são parecidos aos escritórios do grande irmão – tão genialmente visualizado por George Orwell em seu famoso livro 1984 – nos quais os funcionários se dedicavam a fabricar subjetividades falsas, o mais distanciadamente possível da realidade.

.....

[Nota da tradutora] Para citar este artigo:

BARRERO Cuellar, Edgar. Publicado originalmente no periódico Desde Abajo. Disponível em <http://www.desdeabajo.info/actualidad/colombia/item/22635-paro-agrario-tortura-psicol%C3%B3gica-y-salud-mental.html>